

**OS ENGENHOS ALAGOANOS E AS TELAS DE
FRANS POST: INVESTIGAÇÕES
ICONOGRÁFICAS**

Catarina Agudo Menezes

catarina.agudo@gmail.com

Maria Angélica da Silva

mastudepa@hotmail.com

**FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**

Os engenhos alagoanos e as telas de Frans Post: investigações iconográficas.

Resumo

A história econômica, social e política de Alagoas não pode ser escrita sem considerarmos a presença da atividade açucareira. Esta produção foi, sem dúvida, a que inicialmente alavancou o crescimento dessa região, com influência tão marcante que se prolonga até os dias atuais. Além disso, sua herança pode ser traduzida em um rico patrimônio, de viés material e imaterial, constituindo-se em importante referência histórica e cultural. Apesar disto, o tema dos engenhos em Alagoas continua pouco estudado no que tange, por exemplo, às suas matizes arquitetônicas. Desde os primórdios da sua ocupação territorial, considerando como marco desta ocupação o recorte temporal que se inicia com a presença dos colonizadores europeus, a situação de Alagoas ainda como parte da capitania de Pernambuco, pautou-se pela indústria açucareira. Com relação as fontes de pesquisa, a sua dinâmica impulsionou uma intensa descrição, textual e iconográfica por parte dos vários agentes colonizadores. Nesse contexto, destaca-se como importante fonte de informações as vistas produzidas pelo pintor holandês Frans Post, durante a sua estada no Brasil. Estas imagens oferecem um grande universo de possibilidades para o entendimento desta temática. O que se pretende apresentar são os resultados de um estudo que verifica as informações que puderam ser extraídas destas imagens e que foram confrontadas com a literatura e com os remanescentes materiais dos engenhos que chegaram aos dias de hoje.

Palavras-chave: Engenhos de Alagoas, Iconografia holandesa, Arquitetura e Patrimônio.

Este trabalho é fruto das primeiras investigações que buscam inventariar a localização e a situação atual da arquitetura remanescente em Alagoas nas últimas décadas¹, tendo como ferramentas as fontes primárias do século XVII, visitas técnicas e como principal interlocutor historiográfico a obra fundamental de Manuel Diegues Júnior, denominada “O Bangüê das Alagoas”, escrita nos anos de 1948.

Difere o trabalho aqui apresentado dos estudos realizados sobre outros estados como Pernambuco e Bahia, por não contar com uma base prévia de trabalhos de investigação, pois afora o livro de Manuel Diégues, a pesquisa sobre a arquitetura dos engenhos foi realizada basicamente a partir das tentativas de contrapor as informações encontradas nas fontes primárias com a investigação no campo.

1. A região e o açúcar

A cana-de-açúcar foi trazida para o Brasil pelos portugueses ainda no século XVI. Os primeiros engenhos foram instalados em Itamaracá, quando esta era ainda uma feitoria, na segunda década de colonização (ANDRADE, 2007: 15). Devido à grande extensão territorial da colônia e suas características naturais propícias para o desenvolvimento desta lavoura, os colonizadores logo se empenharam no estabelecimento de fábricas para o seu processamento. Varnhagen (1975: 92) menciona a existência de um alvará já em 1516 referente à construção de um engenho. Entretanto, a produção açucareira do Brasil nesse período iniciou-se ainda tímida, chegando ao seu apogeu entre o período de 1600 a 1700, quando o Brasil se tornou o maior produtor de açúcar do mundo.

Durante o século XVII a Capitania de Pernambuco alcançou uma produção de grande vulto, a maior de toda a colônia. Em meados daquele século, chegou a possuir mais de uma centena de engenhos que fabricavam açúcar suficiente para encher entre oitenta e noventa embarcações de grande porte por ano, as quais aportavam constantemente no porto de Recife.

Pernambuco tem cento e cinqüenta engenhos de açúcar e cada um deles já mister ao menos vinte e cinco pessoas, entre brancos e negros, para moer, assim dos oficiais que fazem o açúcar, como escravos que servem nas fomalhas, metem cana nos engenhos e cortam e a carretam; e cortam e combóiam a lenha necessária e muitos carros e bois que servem neste ministério. E quem deitar bem a conta conhecerá a multidão de gente que se ocupa nos engenhos e lavradores de cana e quantos se podem ocupar na guerra e plantar mantimentos não moendo os engenhos (CALADO, 1648: 648).

¹. Este trabalho decorre de investigação realizada como sequência ao projeto “Identificação e mapeamento dos antigos engenhos de açúcar de Alagoas” realizado entre 2007 e 2010, com o apoio do IPHAN.

Já segundo o “Relatório sobre o Estado das Capitanias conquistadas no Brasil”, elaborado pelo conselheiro Adriaen van der Dussen, em 1640, Pernambuco possuía 121 engenhos, distribuídos entre as seis jurisdições desta capitania, sendo a de Olinda dividida em oito freguesias. O quadro que o conselheiro produz fornece informações referentes à localização, aos proprietários, lavradores e à quantidade de terra trabalhada.

Uma investigação que se debruça sobre a região sul de Pernambuco precisa traçar um delineamento dentro do quadro da capitania, visto que não existia ainda o recorte geográfico “Alagoas” que tomaria este nome em 1711, quando torna-se província. No contexto das Invasões Holandesas, o nome “Alagoas” denomina a região da futura sede da província, que exerceu esta função até o ano de 1839, quando a capital do estado migra para Maceió.

| Quadro 1. Engenhos da Capitania de Pernambuco – 1640 | | |
|---|------------------------|-------------------|
| Fonte: VAN DER DUSSEN, in.: MELLO, 1981: 142-163. | | |
| Jurisdição de Olinda | Quantidade de engenhos | Prontos para moer |
| Freguesia de Ipojuca | 14 | 60 |
| Freguesia de Santo Antônio do Cabo | 16 | |
| Freguesia de Santo Amaro do Jaboatão | 9 | |
| Freguesia de Muribeca | 10 | |
| Freguesia da Várzea | 21 | |
| Freguesia de São Lourenço | 8 | |
| Jurisdição de Igarassu | 10 | 8 |
| Jurisdição de Sirinhaém | 17 | 10 |
| Jurisdição de Porto Calvo | 10 | 5 |
| Jurisdição das Alagoas | 6 | 4 |

Em Alagoas a produção de açúcar esteve relacionada ao surgimento dos três primeiros focos de povoamento. Ao norte, em Porto Calvo, na região central, a já referida vila de Santa Maria da Alagoa do Sul e ao sul, em São Francisco do Penedo. Posteriormente, com a fundação da vila de Atalaia, a ocupação foi sendo expandida para o interior.

Segundo Diégues Júnior (2002: 48), o primeiro engenho implantado em Alagoas foi o *Buenos Aires*, em Camaragibe, fundado por Cristóvão Lins, português que recebeu a doação de uma sesmaria do donatário da capitania. Por volta de 1600 este proprietário realizou uma expedição nas proximidades de Alagoas e se fixou na atual região norte do estado, instalando o engenho *Escorial* em Porto Calvo.

Na região próxima às lagoas coube a Diogo Soares a tarefa de povoar e desenvolvê-la, onde posteriormente foi fundado o povoado da Madalena. Mas foi, entretanto, com seu filho, Gabriel Soares, que a atividade açucareira tomou vulto na região a partir da fundação dos engenhos Velho e Novo que, segundo consta na literatura, foram os mais antigos da região central litorânea de Alagoas (DIÉGUES JR., 2002, p 49). Outros engenhos também foram fundados na região,

mais ao sul, nas proximidades do rio São Miguel. Tais engenhos são frequentemente citados nas crônicas do século XVII.

*Trataremos em primeiro lugar da **lagoa do Sul**, porque é a que foi melhor povoada. No tempo da primeira povoação foi seu proprietário Diogo Soares da Cunha, pai de Gabriel Soares da Cunha, senhor do **Engenho Novo**, o qual a obteve por doação de Duarte de Albuquerque, senhor de toda a capitania de Pernambuco (...) (WALBEECK & MOUCHERON, 1643, in. MELLO, 1981: 124).*

No extremo sul da capitania, na povoação de Penedo, os engenhos são fundados a partir da metade do século XVII, porém, a atividade açucareira nesta região não se deu com grande entusiasmo e desenvolvimento, mas com uma participação modesta, visto sua vocação maior para a criação bovina. De toda forma, o gado relaciona-se com a produção açucareira visto que fornece a força motriz para as moendas e alimento para as populações dos engenhos.

2. Trilhando as linhas das imagens

A dinâmica da exploração canavieira motivou a produção de inúmeros documentos sobre o tema, mas foi a presença holandesa, com outro perfil de colonização que gerou, especificamente para a região Nordeste, um acervo que embasou em grande parte dos estudos realizados sobre este tema.

São inúmeros relatos, mas também um rico acervo de imagens – mapas, vistas, plantas – que oferecem outras janelas para acessar o distante mundo seiscentista. Embora estas imagens já tenham sido usadas por pesquisadores, só recentemente foram disponibilizadas com maior acuidade, abrindo assim novas perspectivas para os estudos contemporâneos.

Quando se dá destaque às fontes iconográficas esta opção requer não apenas que se adestre novas ferramentas, mas também que se tomem outros cuidados no que tange ao seu manejo. No caso desta pesquisa, este material foi usado em cruzamento com as fontes textuais, não apenas para referendar o que se apresentou recorrente nestas fontes, mas também buscando observar os pontos em que a literatura foi mais hesitante no âmbito das informações e onde se abria campo para elucidação dos mesmos no mundo das imagens. Por exemplo, no contexto dos aspectos arquitetônicos e paisagísticos dos engenhos, as imagens foram de grande auxílio uma vez que a busca até mesmo no campo dos vestígios materiais das edificações se mostrou bastante frágil².

O fato de os registros iconográficos carregarem impressões pessoais fez com que, por muito tempo, fossem depreciados no campo da pesquisa histórica, servindo como mero adendo aos

². Cabe colocar que, em paralelo aos trabalhos de gabinete, a pesquisa se valeu a um amplo trabalho de campo, como se tratará adiante.

conteúdos extraídos das fontes arquivísticas escritas. Entretanto, hoje, justo ao inverso, assumem relevância pela sua propriedade individual e subjetiva.

Partindo do princípio de que mesmo a busca da precisão dos documentos escritos nunca está alheia à interpretação pessoal e, inevitavelmente, carregam muito de quem os produz, esses registros desenhados, constituem documentos que revelam à atualidade um mundo não experimentado, permitindo, inclusive, acessar, de maneira especial, o difícil conteúdo acerca das mentalidades de uma sociedade distanciada por séculos. Sendo assim, nota-se a necessidade de um olhar atento para a sua interpretação, considerando, inclusive, a influência do imaginário do autor sobre o processo de decodificação da realidade, como sua formação e conhecimento.

Entre as imagens produzidas no contexto da presença holandesa no Nordeste no século XVII, merecem destaque os trabalhos do holandês Frans Post. Entre mapas, vistas, gravuras, pinturas, reprodução de paisagens e seus habitantes, de detalhes de flora e fauna, produziu uma extensa obra retratando diversamente diferentes aspectos do território com uma qualidade estética inequívoca. Outro aspecto a destacar é o senso de familiaridade que seu trabalho evoca, para quem, ainda nos dias de hoje, atravessa as paisagens nordestinas e observa seus detalhes. Estes aspectos, além da recorrência do tema dos engenhos na sua obra, fizeram com que o artista fosse escolhido nos trabalhos de investigação sobre os engenhos de Alagoas.

Atualmente a edição cuidadosa das obras textuais e imagéticas holandesas através das coleções editadas pela Petrobrás, entre 1999 e 2001, e a ainda recente publicação do *catalogue raisonné* de Frans Post, em 2009³, abriu um enorme horizonte para estudos mais embasados sobre o artista bem como possibilitou um manejo mais fino das temáticas representadas.

3. O engenho na tela

O uso da iconografia nos estudos acerca dos engenhos no âmbito de sua arquitetura não é recente e possui dois trabalhos de referência que trataram de duas regiões que guardam vínculos com Alagoas: “Engenho e arquitetura” de Geraldo Gomes, que realiza um estudo sobre Pernambuco e “Arquitetura do Açúcar” de Esterzilda Berenstein de Azevedo, que trata dos engenhos do Recôncavo Baiano no período colonial. A autora enfatiza a importância das fontes iconográficas:

Outra fonte fundamental é a iconografia. As informações mais abundantes referem-se ao século XVII, com alguns registros sobre o XVI e XVIII. Embora não se refiram especificamente à Bahia, mas ao Nordeste, em especial Pernambuco, os pintores de Nassau deixaram uma documentação pictórica notável que retrata a paisagem rural, a implantação dos engenhos, o número e a disposição das edificações que os compunham, as características dessas edificações quanto à forma, materiais e sistema construtivo (AZEVEDO, 1990: 18).

³. Ver bibliografia.

Embora não se tenha nenhuma comprovação de que os holandeses reportaram engenhos na Bahia, a autora justifica o uso das imagens holandesas, para o recorte trabalhado por ela, apoiando-se na bibliografia: “O trabalho de Andreoni confirma a suposição de que a tipologia dos engenhos pernambucanos documentados por Franz [sic] Post e outros pintores holandeses, não difere da adotada na Bahia” (AZEVEDO, 1990: 17).

O livro de Geraldo Gomes nos interessa mais de perto visto que trata especialmente dos engenhos de Pernambuco, com ênfase no período dos banguês, portanto, dos séculos XVI até início do XIX, pois o primeiro engenho a vapor de Pernambuco é instalado em 1817 (GOMES: 2006: 38).

Ao modo como conduzimos o trabalho de pesquisa, o autor valeu-se enormemente das fontes textuais seiscentistas holandesas. “Exclusivamente devido à invasão de Pernambuco pelos holandeses existe uma documentação bibliográfica que privilegia essa capitania em relação às demais do Brasil.” (GOMES: 2006:69). Embora se detenha grandemente nos séculos XVII e XVIII, Geraldo Gomes não trata do território da atual Alagoas, que à época pertencia à capitania de Pernambuco.

As duas obras referendadas foram publicadas pela primeira vez em 1990. Nesta época, Esterzilda menciona serem conhecidos 143 pinturas e 63 desenhos de Frans Post, à época, catalogados e em grande parte reproduzidos por Souza Leão. Destes, ainda segundo autora, 21 retratavam engenhos (AZEVEDO, 1990:19). Quanto a Geraldo Gomes, ele não menciona o número de trabalhos pictóricos acessados no seu próprio livro, vale-se de cerca de 16 imagens de Frans Post sobre engenhos e/ou casas-grandes e 1 imagem de Zacharias Wagener.

Atualmente, o conjunto da obra de Frans Post⁴, constitui-se de 155 telas a óleo e 57 desenhos conhecidos que retratam o Brasil. Entre estas 212 imagens, 45 (cerca de 20 % do total) possuem o engenho como temática ou título da tela, sendo 43 representações que mostram a ambiência do engenho de uma forma geral e 3 imagens mais aproximadas da edificação que abriga as moendas, uma delas uma vinheta do mapa *Brasiliae Geographica et Hydrographica Tabula Nova* [...] de Georg Marcgraf. Portanto, há um acréscimo razoável do material conhecido nos dias de hoje para o manipulado por Esterzilda e Geraldo Gomes, além da qualidade de reprodução deste material. Desse universo, 35 vistas foram selecionadas e observadas com maior cuidado neste trabalho por apresentarem o complexo dos engenhos de forma mais detalhada, possibilitando melhor identificação e análise de seus elementos, como está demonstrado no quadro a seguir.

⁴. Ver Catálogo, 2009.

Quadro 2. Vistas de Frans Post selecionadas para estudo

Obs. As denominações aqui apresentadas seguem as que foram adotadas no referido catálogo.
Fonte: LAGO, 2009.



1. Vista de uma usina de açúcar no Brasil



2. Engenho



3. Paisagem de várzea com engenho



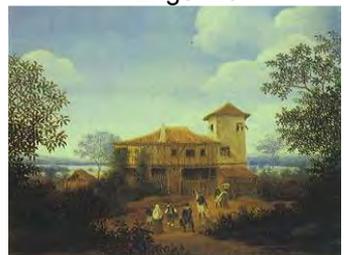
4. Engenho



5. Engenho



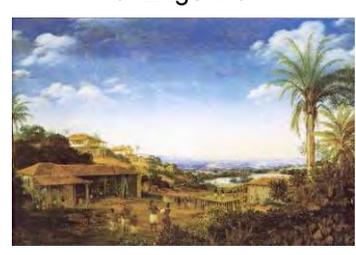
6. Engenho



7. Casa-grande com torre



8. Engenho



9. Engenho



10. Engenho



11. Engenho



12. Engenho



13. Engenho



14. Casa-grande com torre



15. Engenho



16. Engenho

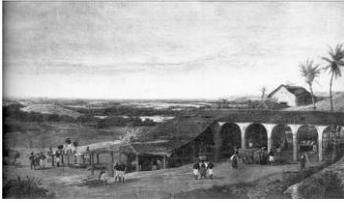


17. Paisagem de várzea com



18. Engenho

engenho.



19. Engenho



20. Paisagem fluvial com engenho



21. Paisagem de várzea com engenho



22. Paisagem de várzea com engenho



23. Engenho



24. Engenho



25. Engenho com cachoeira.



26. Paisagem com casa-grande



27. Engenho



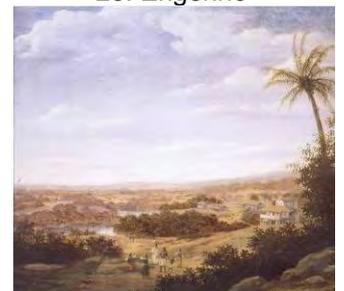
28. Engenho



29. Engenho



30. Engenho



31. Paisagem com engenho



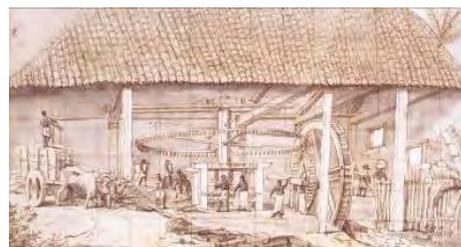
32. Paisagem de várzea com engenho



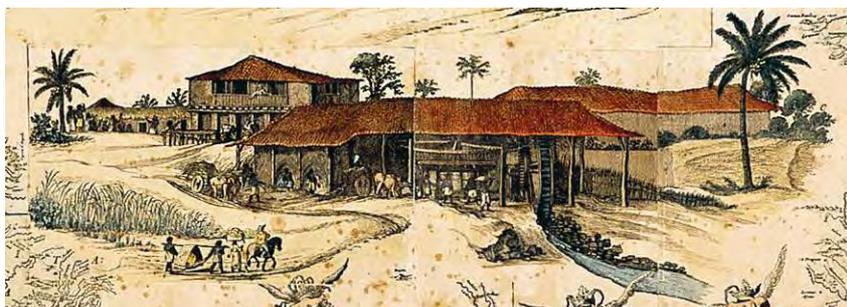
33. Engenho com torre



34. Engenho de duas rodas movidas por bois



35. Engenho com rodas movidas pela água



Detalhe do mapa *Brasiliae Geographica et Hydrographica Tabula Nova [...]*, Georg Marcgraf, 1643.
Fonte: HERKENHOFF, 1999: 252

4. A obra de Frans Post e o contexto das Alagoas

A investigação com as imagens em Alagoas foi contraposta não só com as informações das fontes primárias, mas também ao estudo dos exemplares remanescentes. Contudo, pouco foi encontrado, a exemplo do que ocorreu na Bahia e em Pernambuco.

Segundo o trabalho de Esterzilda Berenstein, dos séculos XVI e XVII restaram na região por ela estudada apenas capelas e uma casa grande. Do século XVIII, 22 engenhos, a maioria apenas restando uma edificação: casa grande, capela ou fábrica. Algumas destas tiveram origem nos séculos anteriores. Contudo, segundo a autora, os maiores e mais nobres engenhos da região foram construídos no século XVIII (AZEVEDO, 1990: 19). Geraldo Gomes menciona a visita a 150 ou 169 engenhos⁵. Na pesquisa que realizamos, foram visitados em Alagoas até agora 43 engenhos, existentes nas regiões de implantação mais antiga da cana, ou seja, em Porto Calvo e na área das lagoas próximas às atuais cidades de Marechal Deodoro, Pilar, Satuba e Santa Luzia do Norte, além parte de São Miguel dos Campos.

Não se pode afirmar que os engenhos representados por Frans Post pertenciam exatamente ao universo alagoano, entretanto, certamente referem-se à Capitania de Pernambuco, já oferecendo assim, excelente proximidade ou a cobertura propriamente dita da região em estudo.

Para a aproximação do universo das imagens com o contexto em estudo, foram selecionados alguns aspectos relativos à implantação dos engenhos nos sítios, à sua arquitetura e demandas funcionais das edificações.

4.1. Da implantação

Sobre a geografia, sabe-se da exigência da cana por bons solos:

As terras dessa capitania [de Pernambuco] são na maior parte boas, havendo montanhas pouco elevadas e belas planícies, muito férteis e apropriadas à plantação da cana-de-açúcar, cultivada ali em grande escala. Há contudo muitos lugares montanhosos como

⁵. Gomes menciona nas páginas 19 e 79, 150, mas na página 182, 169 engenhos visitados.

Masurepe, Muribec, Jaboaão, Ipojuca, onde a cana cresce nas encostas, e melhor do que em algumas planícies, pois encontra um terreno muito fértil que não perde facilmente a umidade (LAET, 1636: 535, in.: FREIRE, 2004).

Nos engenhos de Post, os terrenos são suavemente ondulados, lembrando a várzea. Esta é a geografia encontrada no litoral de Alagoas, na sua mais expressiva extensão, sempre permeados por cursos d'água: rios, riachos, lagoas, como bem lembra o nome do atual Estado.

Das 35 imagens de Post analisadas, 30 reproduzem claramente um curso de rio, ora mais próximo ao complexo edificado, ora mais distante, comprovando o que a literatura sempre destaca, da imprescindível presença de um curso d'água próximo ao engenho.

Fig. 01. Detalhe de vistas de Post: representação de cursos d'água.



Paisagem de várzea com engenho



Paisagem com engenho



Paisagem de várzea com engenho

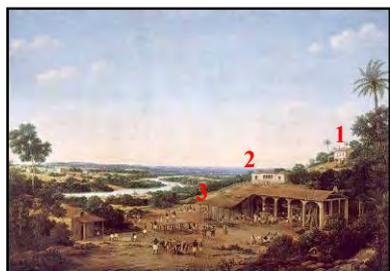
Os próprios relatos holandeses localizam diversos engenhos em Alagoas utilizando como referência este elemento ou destacando a sua importância dentro da capitania: “Os rios mais importantes [da jurisdição mais ao sul da capitania pernambucana] são: o das jangadas, Serinhaém, o Formoso, o de **Porto Calvo**, o **Camaragibe**, o de **Santo Antônio**, o de **S. Miguel** e o de **São Francisco**” (BARLEU, 1974: 127, grifo nosso).

*A 27 do mesmo, pela manhã, transpuzemos o rio e o alto monte e, tendo marchado boas quatro milhas chegamos a um pequeno rio chamado Tamala, onde descansamos um pouco; prosseguindo depois a marcha, uma milha alem chegamos a um antigo **engenho de nome S. Miguel** onde ainda vimos jazer algum cobre e ferragens do velho engenho, dali caminhamos uma milha e chegamos ao **rio S. Miguel**, acampando pela noite na sua margem do norte. [...] A 6 do dito prosseguimos na marcha e chegamos a um rio de nome Perirgavo, o qual subimos por espaço de cinco milhas, ora numa ora noutra margem, até chegarmos ao rio Paraíba, que despeja na Alagôa junto do **engenho de Gabriel Soares** [...]* (BLAER, 1645:87-89, in.: FREIRE, 2004. Grifo nosso).

A análise das vistas permite referendar a afirmação corrente na literatura de que a escolha do sítio é bastante semelhante na maioria dos engenhos e que os elementos naturais desempenham papel fundamental para a instalação dos complexos de produção do açúcar. A topografia acidentada era aproveitada, como afirmam alguns autores, no arranjo dos elementos edificados,

de modo a favorecer o estabelecimento de uma hierarquia social. Nas iconografias é recorrente uma setorização vertical, na qual a casa-grande localiza-se a meia encosta, a capela é colocada ao lado da casa-grande, em mesmo nível ou em nível mais elevado, e o espaço de fabrico é situado na parte mais baixa do terreno.

Fig. 02. Representação da topografia e hierarquia de implantação das edificações.



Legenda: 1. Capela; 2. Casa-grande; 3. Fábrica

Fig. 03. Engenhos de Alagoas



Eng. Pau-Brasil. Casa-grande ao fundo, em parte elevada e ruínas da fábrica em área baixa.



Eng. Duas Bocas. Sítio de implantação com casa-grande.



Eng. Lamarão. Sítio de implantação. Terreno levemente acidentado, edificações na parte elevada, massa de água ao fundo.

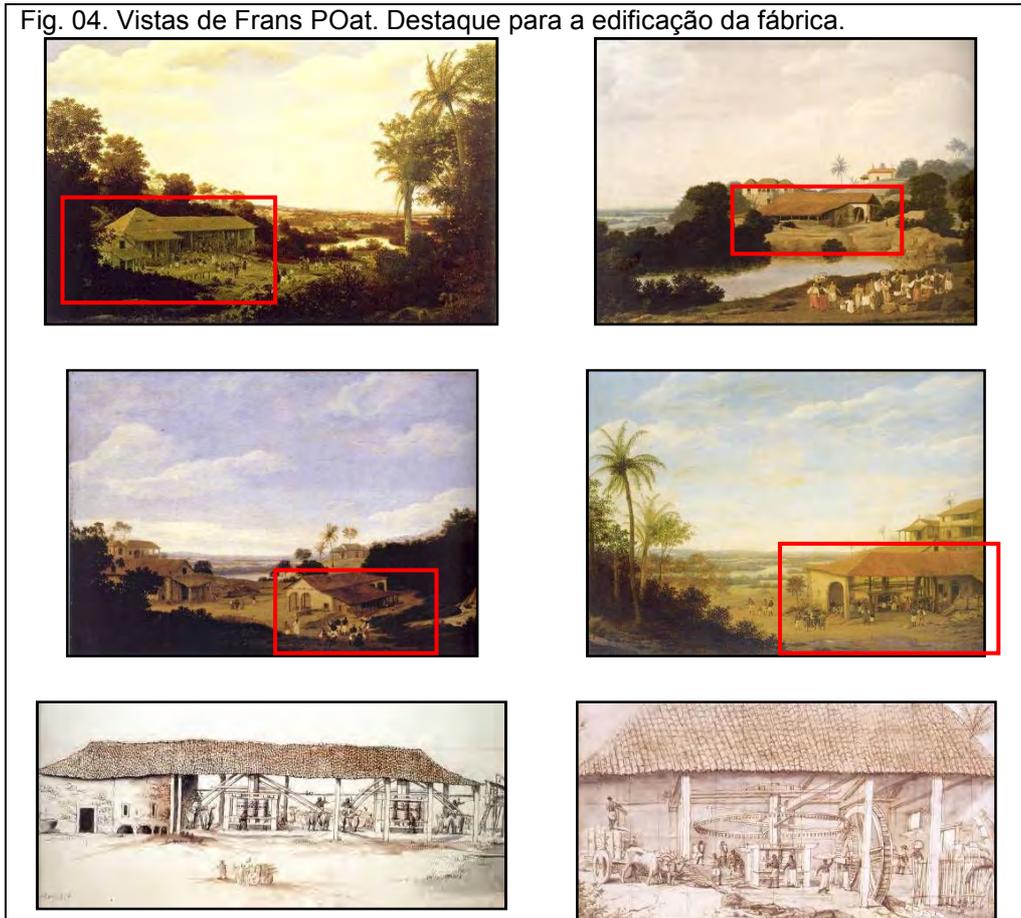
4.2. Da arquitetura

Quanto aos elementos do complexo arquitetônico dos engenhos - a casa-grande, a capela, a fábrica e a casa de purgar - foi possível identificá-los até certo ponto nas vistas, devido à semelhança com as descrições encontradas na literatura.

As edificações do engenho, de uma maneira geral, aparecem próximas umas das outras, em alguns casos mais centralizadas na cena. A proximidade entre elas indica uma possível funcionalidade, necessária nesses complexos, uma vez que cada etapa do processo de fabricação do açúcar está diretamente ligada às demais.

O destaque arquitetônico da ampla maioria se encontra na fábrica. São 23 imagens onde o elemento do primeiro plano é o galpão, apresentando o maquinário e os trabalhadores executando as tarefas básicas para a produção do açúcar, sendo 2, na verdade, detalhamentos específicos da fábrica.

Fig. 04. Vistas de Frans POat. Destaque para a edificação da fábrica.



Entre os engenhos visitados em Alagoas a estrutura edificada da fábrica desapareceu na grande maioria. Em 2 ainda é possível visualizar as ruínas desse elemento e em 11 exemplares há estruturas semelhantes aos galpões representados por Post, mas que certamente sofreram alterações ao longo dos séculos, ou mesmo foram construídos em tempo recente mas mantendo o formato dos antigos espaços fabris. Muitos hoje são utilizados como estrebarias ou armazéns de máquinas e veículos.

Fig. 05. Remanescentes de possíveis fábricas de engenhos alagoanos



Ruínas do Eng. Pau-Brasil.



Eng. Águas Frias.



Eng. Crasto.



Eng. Mundaú.



Eng. Salgado.



Eng. Estaleiro.

Em 5 imagens de Post o foco é a casa-grande e em outras 18 é possível vê-las com certa clareza, ainda que não estejam em primeiro plano. A edificação, geralmente de dois pavimentos, grandes proporções, com varandas ou alpendre, guarda profunda semelhança com as que se encontraram nos engenhos alagoanos visitados, dentre os que a casa ainda permanece, como pode se ver na representações abaixo.

Fig. 06. Casas-grandes nas imagens de Frans Post



Fig. 07. Casas-grandes de engenhos alagoanos



Eng. Grajaú de Cima



Eng. Duas Bocas



Eng. Guaribas

No trabalho de campo em Alagoas, verificou-se também a presença de casas grandes assentadas no terreno conforme as imagens de Post, ou seja, no ponto mais alto do terreno (20 vezes) e mais abaixo a fábrica e por vezes, a capela (17 telas) em terreno elevado ou no mesmo nível da casa grande. Esta, símbolo da fé cristã implementada pelos colonizadores portugueses, estabelece presença marcante no cenário açucareiro. Nas vistas de Frans Post é possível identificar diferentes tipologias de capelas, ora pequenas e simples, ora mais imponentes e ornamentadas, mas, em sua maioria, são representadas com simplicidade e certo padrão de volumetria e elementos, como a existência de uma única nave, presença ou não de sacristia e de alpendre.

Fig. 08. Capelas nas vistas de Post



Fig. 09. Capelas de engenhos alagoanos



Eng. Escorial

Eng. Camarupim

Eng. Lamarão

Eng. Varrela

alé de edifícios, também nota-se nas imagens de Post a presença de pessoas, sugerindo que, para o artista, a dinâmica humana consistia em um importante dado a ser considerado no registro e, por extensão, no entendimento desses ambientes rurais.

Embora os escravos sejam frequentemente representados nas telas analisadas (em 34 imagens), geralmente desempenhando alguma atividade relacionada à produção do açúcar ou aos afazeres domésticos, o espaço de moradia dos mesmos, a senzala, não aparece em nenhuma das vistas, ou pelo menos não são claramente identificáveis. Somente na vinheta contida no mapa de Marcgrave é que aparece uma estrutura edificada semelhante a uma típica senzala⁶.



Fig. 10. Detalhe da vinheta de Frans Post no mapa de Georg Marcgraf. Senzala e Casa-grande.

A ausência dessas edificações também pode ser verificada em campo, pois, somente em 3 dos engenhos visitados foram encontradas edificações semelhantes à referida tipologia. Dois motivos para tal ausência são, provavelmente, o arrasamento das mesmas após a abolição da escravatura e a construção com materiais pouco duráveis.

⁶ . A descrição mais comum, encontrada na literatura, de uma senzala é a de uma edificação retangular, comprida, em sua maioria sem divisões internas, com uma galeria sustentada por pilares ao longo da fachada frontal, com diversas aberturas (GOMES, 2006: 186-187).

Fig. 11. Edificações semelhantes a senzalas



Eng. Lama



Eng. Cachoeira



Eng. Soledad

4.3. Da Produção

Nas imagens de Post em que a fábrica é representada em destaque é possível observar as etapas da produção, como o transporte da cana, a sua moagem, o cozimento do caldo, a purga e a secagem do açúcar. O transporte para as dependências da fábrica é realizado por carros de bois, os quais são frequentemente representados por Post.

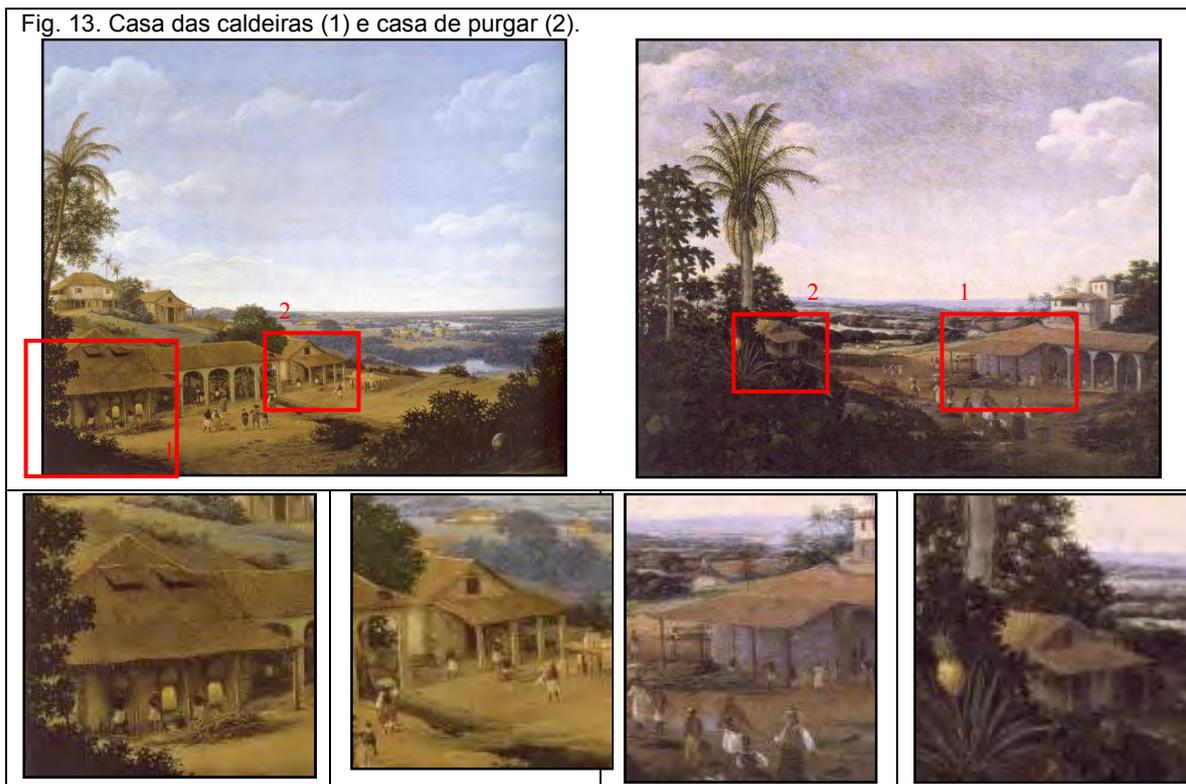
Fig. 12. Detalhes das imagens de Frans Post. Destaque para o carro de bois.



Duas dessas etapas, o cozimento e a purga, não são propriamente mostradas, mas representadas por seus espaços construídos. A casa das caldeiras, onde é feito o melaço, é posicionada geralmente contígua à casa da moenda, com um alpendre em um dos lados. Em algumas imagens é possível ver pequenas aberturas na alvenaria por onde os escravos alimentam o fogo das fornalhas.

Próxima a fábrica há, em 17 telas, uma edificação retangular, com um pequeno alpendre na fachada frontal e uma abertura sobre o mesmo. Trata-se possivelmente da casa de purgar. Este elemento não foi encontrado em nenhum dos exemplares alagoanos visitados, embora sabia-se que o mesmo existiu, por se tratar de um espaço imprescindível no procedimento de fabricação de açúcar.

Fig. 13. Casa das caldeiras (1) e casa de purgar (2).



Externamente vê-se em 14 telas um balcão utilizado para reduzir os pães de açúcar branco a pequenos torrões e secá-lo ao sol⁷. Antonil (1982:75) denomina este elemento como “balcão de secar” e nas imagens de Frans Post o mesmo é visto sempre com escravos sobre o giral onde é possível também visualizar uma massa branca sobre este, com certeza o açúcar.

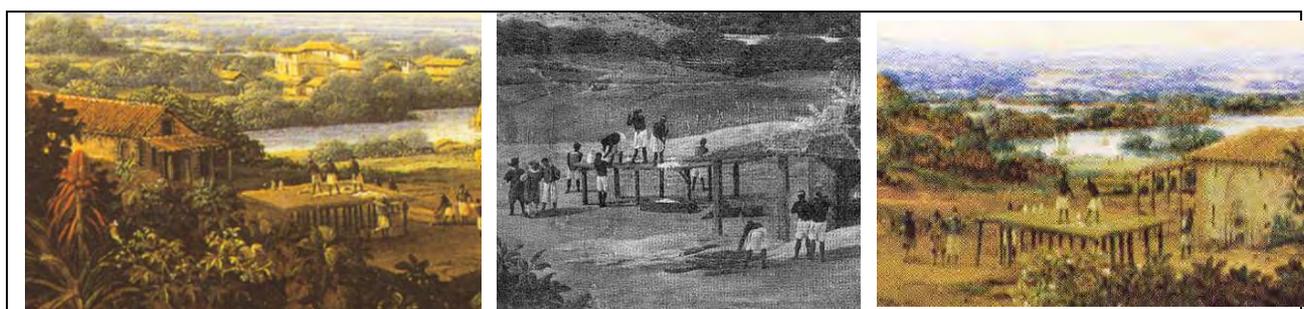


Fig. 14. Detalhes das vistas de Post – balcão de secar.

Outros aspectos relativos aos engenhos podem ainda ser analisados a partir das vistas de Frans Post, como a representação das matas que se resumem a árvores e palmáceas usualmente formando um enquadramento para a tela, mas sem se expressar em volumes mais consistentes. Há um apreço na representação de uma palmeira mais isolada (27 vezes) que auxilia no caráter idílico com que as pinturas de Post normalmente são caracterizadas. Um ponto menos coincidente

⁷. Após passar pelo balcão de mascavar, onde os pães de açúcar são quebrados e são separados o açúcar branco, de melhor qualidade e que será comercializado, o mascavado, de tom amarronzado, utilizado pelos escravos e o cabucho, de pior qualidade (fica na parte inferior da forma do pão, geralmente era dado para os animais) o açúcar era levado para o balcão de secar, onde os pedaços grosseiros eram reduzidos a pequenos torrões e expostos ao sol para que se esvaísse toda a sua umidade (ANTONIL, 1982: 76).

com o esperado é a reprodução do canavial. Embora se possa verificar a presença de plantio, a cana não é apresentada como elemento distinto em nenhum dos quadros analisados, mas apenas na vinheta do mapa.

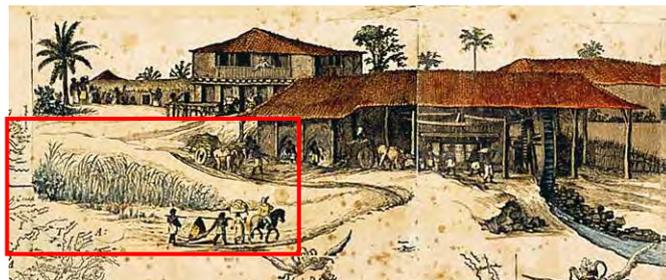


Fig. 15. Representação da cana.

Interessante é verificar também o cuidado na representação do sistema construtivo. A taipa de pau a pique, possivelmente trazida da África, pode ser examinada em detalhes dos quadros, inclusive com um sistema de travamento em diagonal.

Quanto ao sistema construtivo da fábrica, ele se apresenta muito simples. Usualmente em planta retangular, com cobertura em telhas, fechamento parcial em alvenaria. Um aspecto interessante é o uso de arcos que aparecem em 13 das 23 fábricas representadas. Nas duas em detalhe, o sistema portante é apenas realizado com pilares. Nestas imagens, o pé direito possivelmente fica em torno de 3 metros, permitindo que o carro de boi adentre ao galpão.

Adotar a imagem como ferramenta para o estudo dos complexos dos engenhos implicou no caso em tela, usá-la como base para a identificação da arquitetura e de como esta se instala no sítio geográfico. Mas há outros aspectos a serem considerados nos estudos iconográficos, como por exemplo, a propriedade desses produtos de carregarem uma série de intenções – artística, científica e de marketing – norteando a produção dos autores, que percorriam a colônia, pautados pelas exigências de quem lhes fazia a encomenda.

A imagem, portanto, externaliza processos de caráter simbólico e subjetivo que precisam ser considerados para entendê-la enquanto documento auxiliar de qualquer investigação científica.

A partir das vistas de Frans Post foi possível recompor alguns aspectos da história do Nordeste brasileiro. A sensibilidade e a flexibilidade impressas nessas obras permitiram uma série de estudos e decifrações. Novaes (2005: 110) coloca a respeito das imagens uma afirmação que certamente pode ser relacionada às pinturas de Post:

Essas imagens não falam por si sós, mas expressam e dialogam constantemente com modos de vida típicos da sociedade que as produziu. Nesse diálogo elas se referem a questões culturais e políticas fundamentais, expressando a diversidade de grupo e ideologias presentes em determinados momentos históricos.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Manuel Correia de. **Apresentação – A civilização Açucareira**. In.: QUINTAS, Fátima (org.). *A Civilização do Açúcar*. Recife: SEBRAE / Fundação Gilberto Freyre, 2007.
- ANTONIL, João André. *Cultura e Opulência do Brasil*. 3. Ed. Belo Horizonte: Itatiaia / Edusp, 1982.
- AZEVEDO, Esterzilda Berenstein. **Arquitetura do açúcar**. São Paulo: Nobel, 1990.
- BARLÉU, Gaspar. **História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil, 1647**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974.
- BLAER, João. **Diário da viagem do capitão João Blaer aos Palmares em 1645**. In: FREIRE, Francisco de Brito. *Nova Lusitânia – história da guerra brasileira*. São Paulo: Beca Editora, 2004. (cd-rom)
- CALADO, Frei Manuel. **O Valoroso Lucideno - 1648**. In: FREIRE, Francisco de Brito. *Nova Lusitânia – história da guerra brasileira, 1675*. São Paulo: Beca Editora, 2004. (cd-rom)
- DIÈGUES JÚNIOR, Manuel. **O Banguê nas Alagoas**. Maceió: Edufal, 1980.
- GOMES, Geraldo. **Engenho e Arquitetura**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Editora Massangana, 2006.
- HERKENHOFF. **O Brasil e os Holandeses**. Rio de Janeiro: GMT, 1999.
- LAET, Joan de. **Historia ou anais dos feitos da Companhia privilegiada das Indias Ocidentais, desde o começo ate o fim dos anos de 1636, por Joan de Laet (Diretor da Companhia)**. In: FREIRE, Francisco Brito. *Nova Lusitânia – história da guerra brasileira*. São Paulo: Beca Editora, 2004. (cd-rom)
- LAGO, Pedro & Bia Corrêa do. **FRANS POST {1612-1680} Obra Completa**. Rio de Janeiro: Capivara, 2006.
- NOVAES, Sílvia Caiuby. **O uso da imagem na Antropologia**. In. SAMAIN, Etienne. *O Fotográfico*. São Paulo: HUCITEC / Editora Senac, 2005, pp. 107-113.
- VAN DER DUSSEN, Adriaen. **Breve discurso sobre o Estado das quatro capitanias conquistadas, de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande, situadas na parte setentrional do Brasil. (1638) J. Maurice Conte de Nassau; M. Van Ceullen; Adriaen Van der Dussen**. In.: MELLO, José Antônio Gonçalves de. *Fontes para a história do Brasil Holandês. Economia açucareira*. Vol. 01. Recife: Cepe-Editora de Pernambuco, 1981. (pp.77-129).
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **História Geral do Brasil**. Tomo 1. São Paulo: Melhoramentos, 1975.
- WALBEECK & MOUCHERON. **Relatório sobre a situação das Alagoas em outubro de 1643; apresentado pelo assessor Johannes van Walbeeck e por Hendrick de Moucheron, diretor do mesmo distrito e dos distritos vizinhos, em desempenho do encargo que lhes foi dado por sua Excia. E pelos nobres membros do Alto Conselho**. In.: MELLO, José Antônio Gonçalves de. *Fontes para a história do Brasil Holandês. A administração e a conquista*. Recife: Minc. Secretaria da cultura; 4ª Diretoria Regional da SPHAN; Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.